

7 no Edilson



atos

do conselho superior

ano LXVI — abril-junho, 1985

n. 313

**órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
congregação salesiana**

ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO

atos

do conselho geral
da sociedade salesiana
de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

n. 313

ano LXVI

abril-junho de 1985

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1 Pe. Egídio VIGANÓ "Dom Bosco-88"	3
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	2.1 Pe. João VECCHI Caminhar com os jovens rumo a 1988	15
	2.2 Pe. Omero PARON "Fundo '88": convite à solidariedade	21
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	3.1 Missas "Binadas" ou "Trinadas": destinação das esportulas	22
4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1 Etiópia: desastre ou mensagem?	23
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1 A "Lembrança" do Reitor-Mor: um presente e uma tarefa para 1985	25
	5.2 Para uma educação dos jovens à paz	28
	5.3 XI Semana de Espiritualidade da Família Salesiana	37
	5.4 Epistolário de Dom Bosco: reco- lha das cartas para a edição crítica	42
	5.5 Bispos Salesianos	43
	5.7 2.º Congresso Mundial dos Coope- radores Salesianos: nomeação do regulador	43
	5.9 Dados estatísticos S.D.B.	45
	5.10 Irmãos falecidos	47

1. CARTA DO REITOR-MOR

"DOM BOSCO-88"

No seguimento de Jesus Cristo. — Dom Bosco, o apóstolo do Oratório. — O paradigma profético da sua juventude. — Pai e Fundador. — O vasto movimento da sua "escola espiritual". — Um centenário a ser preparado em toda a parte. — Algumas iniciativas a serem realizadas com o concurso de todos.

Roma, 19 de março de 1985

Queridos Irmãos,

escrevo na festa de S. José. O nosso texto das Constituições apresenta o simpático santo como um dos padroeiros a quem Dom Bosco confiou a nossa Congregação.¹ Todo salesiano invoca sua intercessão na fórmula da profissão.² A bondade que o distingue, a operosidade oculta, o amor a Maria e o contato diário e familiar com Jesus, sejam para nós estímulo para crescer na Igreja, entre o trabalho e as responsabilidades de cada dia, com coração humilde, sempre repleto de alegria. S. José, como Maria, leva-nos diretamente a Jesus.

No seguimento de Jesus Cristo

A iniciativa de aprofundar com os jovens a mensagem da "Lembrança" sobre as Bem-aventuranças nos está a convencer da incisividade formadora que a nossa ação pastoral adquire quando se reporta com mais atenção a Cristo no Evangelho. É essa a estrada mestra para desbaratar qualquer perigo de superficialidade espiritual. Neste sentido, pensando na preparação das celebrações centenárias da morte de Dom Bosco, convido-vos a olhar para nosso Pai, como atraente e operoso discípulo do Senhor que nos chama a segui-lo: "Sede meus imitadores, como eu o sou de Cristo!"³

As Constituições renovadas nos lembram muitas vezes o seguimento de Cristo e a importância do Evangelho; foi essa a paixão de Dom Bosco e a ótica do seu espírito.

1. cf Constituições art. 9 — 2. cf id. art. 24 — 3. 1Cor 11,1.

“Estar com Dom Bosco” significa colocar-se totalmente ao seguimento de Jesus Cristo. “Com a profissão religiosa — lê-se nas Constituições — oferecemo-nos a nós mesmos a Deus para caminhar no seguimento de Cristo e trabalhar com Ele na construção do Reino”;⁴ “A nossa Regra viva é Jesus Cristo, o Salvador anunciado no Evangelho”.⁵

O novo texto da Regra sublinha ademais que o Sistema Preventivo nos foi transmitido “como modo de viver e trabalhar para comunicar o Evangelho”;⁶ que caminhamos com os jovens para fazer crescer neles o homem novo “descobrimo no Senhor e no seu Evangelho o sentido supremo da própria existência;”⁷ que a nossa missão se preocupa em “levar aos homens a mensagem do Evangelho, intimamente unida ao desenvolvimento da ordem temporal”;⁸ que ajudemos os nossos destinatários a viver “uma vida quotidiana progressivamente inspirada e unificada pelo Evangelho”;⁹ que também todo o nosso processo formativo deve ser “iluminado pelo Evangelho”;¹⁰ e que mesmo quando nos reunimos em Capítulo devemos fazer reflexão comunitária precisamente “para nos mantermos fiéis ao Evangelho”.¹¹

É, pois, muito importante, quando falamos de Dom Bosco, referir-nos constantemente a Cristo, ver nele um profeta do Evangelho, imitá-lo no saber comunicar a Palavra de Deus com a máxima clareza e incisividade, difundir uma espiritualidade juvenil firmemente ancorada na mensagem da revelação. Se lermos o Evangelho com a ótica de Dom Bosco, havemos de perceber nós também de maneira mais sensível “certos traços da figura do Senhor”¹², significativos sobretudo para os jovens. Tão insistente referência ao seguimento de Cristo e à escuta do Evangelho deveria constituir a plataforma de que partimos para meditar sobre Dom Bosco e apresentá-lo ao mundo durante estes anos de preparação às celebrações centenárias.

Apoiando-me nessa base, apraz-me sugerir-vos algumas pistas de reflexão. Tentarei sublinhar, primeiramente, o que, na minha opinião, aparece nele como o aspecto mais luminoso e saliente, para depois aludir a alguns outros elementos complementares que deveriam guiar as nossas iniciativas.

4. Const. art. 3 — 5. ib. art. 196; cf. 60 — 6. ib. art. 20 — 7. ib. art. 34 — 8. ib. art. 31 — 9. ib. art. 37 — 10. ib. art. 98 — 11. ib. art. 146 — 12. ib. art. 11.

Dom Bosco, o apóstolo do Oratório

Dom Bosco, como discípulo de Jesus Cristo, foi padre, educador, fundador, escritor, editor, viajante, cidadão famoso, homem de Deus, iniciador de uma escola de santificação e de apostolado na Igreja. Sua imagem histórica de homem evangélico apresenta muitos aspectos dignos de atenta consideração. Se nos perguntarmos, porém, qual é nele a nota dominante, a expressão mais típica da sua seqüela de Cristo, o núcleo dinâmico do seu carisma, eu responderia sem hesitar que é a doação radical de si a Jesus Cristo, para, nEle e com Ele, voltar-se para os jovens com a iniciativa apostólica do Oratório.

Ele sentiu-se chamado explicitamente pelo Senhor e por Ele enviado para isto. Realizou-o com uma inventiva e um ardor que lhe fizeram concentrar a sua missão pastoral no Oratório como “casa que acolhe, paróquia que evangeliza, escola que encaminha para a vida e pátio para se encontrarem como amigos e viverem com alegria”.¹³ Foi esse o seu empenho-modelo a ser canonizado e multiplicado.

É sintomático observar como ele próprio deu justamente o nome de “Obra dos Oratórios” às instituições criadas pelo seu zelo apostólico. Induzido por Pio IX a escrever os acontecimentos mais significativos da sua vida, com o objetivo de iluminar e ajudar seus colaboradores e continuadores, redigiu notas assaz interessantes, a que deu precisamente o título de “Memórias do Oratório”. Seus primeiros trinta anos de existência voltaram-se providencialmente para Valdocco, berço do Oratório; e os posteriores, marcados pela fundação dos Salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora e Cooperadores, são todos eles relativos ao primeiro Oratório, à sua vitalidade, ao seu desenvolvimento, à sua continuidade e à sua expansão no mundo. Dom Bosco, discípulo de Jesus, destaca-se sobretudo pelo seu “coração oratoriano”.

Com razão afirma o novo texto das Constituições que a experiência oratoriana de Dom Bosco em Valdocco “continua critério permanente de discernimento e renovação de cada atividade e obra” salesiana.¹⁴ É com esse tipo de atividade pastoral que o nosso Pai se tornou sinal e portador do amor de Cristo aos jovens pobres e às classes populares; no Oratório inventou a síntese prática do “Sistema Preventivo”; aí aportou no ponto alto da sua vocação guiada sempre por Maria; aí releu e meditou o

13. Const. art. 40 — 14. Const. art. 40.

Evangelho para tornar presente na sociedade em evolução o mistério de Cristo “que abençoa os meninos e faz o bem a todos”.¹⁵ O Oratório é o primeiro lugar da missão histórica de Dom Bosco; aí se acendeu e de aí se espalha a centelha inicial do seu propósito de seguimento do Senhor; aí se encontra a fonte borbulhante daquela “caridade pastoral”¹⁶ que fluirá como um rio na tradição salesiana. O Oratório é o lugar da peculiar intuição evangélica de Dom Bosco, da sua genialidade apostólica, da sua originalidade espiritual, porque é a sede privilegiada da sua “experiência do Espírito”.¹⁷ O “Oratório”, “lugar teológico” da missão salesiana, não se explica sem Jesus Cristo e o seu Evangelho.¹⁸

Alguns observadores não crentes, que consideram Dom Bosco apenas do ângulo da educação humana e civil, vêem também a sua genialidade pedagógica expressa no Oratório, como centro sócio-cultural de resposta aos novos tempos. Um semiólogo insuspeitamente “leigo” chegou a salientar que Dom Bosco inventa, com o Oratório, não só um novo modo de agregação, mas um novo modo alternativo e futuroso de estabelecer comunicação social.

“O Oratório — escreve — é uma máquina perfeita em que cada canal de comunicação, do brinquedo à música, do teatro à imprensa e assim por diante, é administrado como próprio e reutilizado e discutido quando a comunicação vem de fora. Neste sentido o projeto de Dom Bosco atinge toda a sociedade da era industrial com viva imaginação sociológica, sentido dos tempos, inventividade organizativa, e com uma política global das comunicações de massa que é alternativa à gestão — freqüentemente inútil e muitas vezes prejudicial — dos vértices dos grandes dinossauros (os grandes mass-media hodiernos) que (talvez) valem menos do que se acredita”.¹⁹

Juízo tão lisongeiro, proveniente de quem se preocupa de pôr em evidência tão-somente iniciativas portadoras de eficiência social, nos deveria interpelar e estimular a tirar a poeira dos anos caída sobre nossas presenças oratorianas e a relançar com atualidade uma prerrogativa pastoral e pedagógica que nos deve distinguir. A quem dissesse, como infelizmente aconteceu-me ouvir na boca de algum apressado agente de pastoral, que “o

15. cf Lumen Gentium 46 — 16. cf Const. art. 10 — 17. Mutuae Relationes 11 — 18. cf Atos Conselho Geral n. 290 — 19. O escritor comunista Umberto Eco em “L’Espresso” — 15.11.81.

carisma do Oratório" já viveu sua época, deveríamos demonstrar com os fatos que sua plena e atual validade é seu justamente fascínio para os jovens de hoje. É preciso reconhecer, porém, que há muita poeira por tirar e que é preciso investir generosamente inteligência, coração e pessoal.

Convido-vos a refrescar a nossa fantasia vocacional com a leitura do belo capítulo do Pe. Ceria sobre o Oratório das origens.²⁰

Se, portanto, quisermos, em 1988, celebrar a Dom Bosco na sua grandeza mais original, deveremos empenhar-nos em sempre melhor fazer emergir de nossas presenças o seu critério oratoriano como princípio inspirador do propósito de renovação que nos impele para a frente. Já vo-lo recordava na última carta circular.²¹ É agradável para mim notificar-vos que há Inspetorias que já programaram propósitos concretos com respeito a forte relançamento oratoriano. É importante que o exemplo seja imitado pelas outras Inspetorias e que se intensifique por toda a parte, de forma atualizada e com pessoal adequado, a presença e a inventiva do Oratório como critério permanente de pastoral juvenil.

O paradigma profético da sua juventude

Creio ser importante pôr em evidência outro aspecto, particularmente sugestivo, que nos faz descobrir na existência juvenil do menino, do adolescente e do jovem Bosco a sua profunda orientação para Cristo, seu desejo de Evangelho e sua paixão por uma meta sacerdotal de apostolado juvenil entrevista como ideal supremo. A vida de João antes da ordenação presbiteral é deveras uma obra-prima de itinerário para a vocação. Além da corajosa e ajuizada fé da mãe e do fascínio de Jesus e Maria do sonho dos 9 anos, encontramos aí uma opção convicta de ideais, uma vontade decidida de empenho, a capacidade de penosas iniciativas, a flexibilidade no trabalho, o amor pelo estudo, a constância, a amizade para com os companheiros bons (a Sociedade da alegria), a procura de um diretor espiritual para uma decisão iluminada por algum sinal da vontade do Senhor. Peripécias, aventuras, incompreensões, pobreza, audácia, alegrias, êxitos, esperanças foram sempre iluminados pelo catecismo, pelas pregações,

20. cf Annali I, cap. 59, pág. 622-633 — 21. Atos Conselho Geral n. 312, pág. 24-26.

pela Palavra de Deus, pela frequência dos sacramentos, por sincera amizade a Jesus e a Maria. Isso o ajudou a superar muitas dificuldades, sem excetuar a falta de um bom diretor espiritual para a escolha do estado: “Oh — escreve — se então tivesse tido um guia, que tivesse tomado cuidado da minha vocação! Teria sido para mim um grande tesouro”.²²

Alguns grupos juvenis latino-americanos escolheram com acerto, anos atrás, como biografia juvenil para comentar e aprofundar, qual paradigma profético para estimular a própria procura vocacional, os primeiros vinte anos de vida de João Bosco: um colega alegre, maleável, inteligente, campeão, entusiasta por Jesus Cristo e por seu Evangelho.

Eis aí uma bela sugestão para nos prepararmos bem para as celebrações de 1988: empenhar-nos com todas as forças numa programação de pastoral vocacional que, inspirando-se na atraente juventude de Dom Bosco, leve com simpatia os jovens de hoje a confrontar-se lealmente e corajosamente com o Evangelho para descobrir em Jesus Cristo o “homem novo”, o verdadeiro protagonista do nosso futuro, que propõe grandes motivos de existência e fortes ideais de empenho.

Que bonito seria chegar às celebrações centenárias com uma legião de numerosas vocações! Um dos problemas mais graves e urgentes da Igreja de hoje é sem dúvida o das vocações. Seguindo as exortações do Sumo Pontífice e dos Bispos, eu mesmo voltei várias vezes a esse argumento. A messe é grande em cada um dos continentes; o Senhor semeia germes em numerosos jovens. Trabalhemos. Seja um nosso sagrado propósito o de ajudá-los “a descobrir, a acolher e amadurecer o dom da vocação laical, consagrada, sacerdotal, em benefício de toda a Igreja e da Família salesiana”.²³ Aproveitemos o modelo da aventureira e atraente juventude de João Bosco, para fazer dela uma proposta concreta e interpelante.

Pai e Fundador

A inspiração do alto e a preocupação com a fidelidade impeliu Dom Bosco a dar à pastoral do Oratório uma forma permanente, de dimensão universal. Isto levou-o à fundação da nossa

22. Memorie dell'Oratorio, Ristampa, pág. 80 — 23. Const. art. 28.

Congregação: “Tenho necessidade de recolher meninos que me queiram seguir nos trabalhos do Oratório. Vocês querem ser meus ajudantes?”²⁴ Bem sabemos que isso custou-lhe muitas canseiras; tanto que desaconselhou outros de quererem aventurar-se pessoalmente e tornar-se “fundadores”.²⁵ Para ele esse empreendimento não foi uma opção arbitrária, mas o estuário para o qual havia sido orientada e guiada a sua vocação pessoal: “Mal saberia dizer como é que as coisas aconteceram. O que eu sei é que Deus queria isso”.²⁶

Entre os elementos peculiares e mais significativos para a fundação da Congregação deve-se colocar seu trabalho pelas Constituições, aprovadas pela Sé Apostólica em abril de 1874: “Devemos saudar esse acontecimento — escreve ele com satisfação — como um dos mais gloriosos para a nossa Congregação, pois nos afiança que, observando as nossas Regras, nos apoiamos em bases estáveis e seguras”.²⁷

Depois de quase vinte anos de intenso trabalho, temos hoje uma consciência renovada do valor das Constituições; estamos contentes com o fato de o texto renovado nos falar mais explicitamente do Fundador e do seu coração oratoriano e nos estimular, do proêmio ao último artigo, a estar com ele para seguir a Jesus Cristo.

Parece mais que lógico, portanto, que um dos empenhos mais agradáveis ao nosso Pai e Fundador, por ocasião das celebrações do seu centenário, deva ser justamente o de conhecer, amar e praticar a nossa Regra renovada. É essa uma tarefa que já vem do CG22 para o atual sexênio, mas que exige mais intensa acentuação precisamente com vistas a 1988. Redobremos, pois, o propósito já formulado em parte e iniciado após haver recebido o novo texto constitucional.

Voltemo-nos para Dom Bosco também com a oração. O fato de que o nosso Pai e Fundador é “santo” não nos pode deixar indiferentes. A “Lumen Gentium” traça estimulantes diretrizes sobre o culto que devemos aos santos. Veneramo-los porque neles — e, pois, em Dom Bosco — “somos instruídos sobre o caminho seguríssimo pelo qual podemos chegar à perfeita união com Cristo”; e, além disso, “para que a união de toda a Igreja no Espírito se consolide mediante o exercício da caridade

24. *Memorie Biografiche* 3, 548-550 — 25. cf. *ib.* 7,49 — 26. *ib.* 12,78 — 27. *Introduzione alle Costituzioni*, Torino, 1885, pág. 3.

fraterna”.²⁸ E, para além ainda do “exemplo” e da “comunhão”, devemos estar convencidos de que mediante esses “nossos irmãos e insignes benfeitores, rendemos devidas graças a Deus”. Além disso, é mais do que justo que os consideremos como amigos poderosos e que “os invoquemos com súplicas e que recorramos às suas orações, à sua intercessão e ao seu auxílio para impetrarmos de Deus as graças necessárias, por meio do seu Filho Jesus Cristo”.²⁹ Acatemos essas exortações do Concílio. Intensifiquemos nossa devoção a Dom Bosco, Pai e Fundador, demos esplendor ao seu culto, renovemo-lo com a sábia atualidade que nosso zelo saberá excogitar.

O vasto movimento da sua “escola espiritual”

Um quarto apelo de dom Bosco ao seguimento de Cristo segundo o Evangelho podemos vê-lo na sua característica de “mestre” de um novo estilo de santificação. É um modo original nascido e provado no Oratório para estender-se para além da Congregação a toda a Família Salesiana. É o espírito de Valdocco, a alma do Sistema Preventivo, transplantado para Mornese, para Buenos Aires, França, Espanha, para todas as presenças salesianas do mundo, e estendido a incontáveis cooperadores, ex-alunos, institutos de vida consagrada, amigos. É um espírito que “tem sua fonte no próprio coração de Cristo, apóstolo do Pai”;³⁰ que se inspira “na bondade e no zelo de S. Francisco de Sales”,³¹ que admira e imita em Dom Bosco “uma esplêndida harmonia de natureza de graça; dois aspectos fundidos num projeto de vida fortemente unitário”.³² Dele mana uma espiritualidade simples do dia-a-dia, feita de operosidade e bom senso, resistente à fadiga, generosa na doação de si, num clima de alegria sempre aberto aos horizontes da esperança. Espiritualidade com vivo sentido de Igreja, iluminado por filial dimensão mariana.

Nessa escola típica de santificação e apostolado, Dom Bosco matriculou “vasto movimento de pessoas” deixando à Congregação Salesiana precisas responsabilidades de animação: “Manter a unidade do espírito e estimular o diálogo e a colaboração fraterna, para enriquecimento recíproco e maior fecundidade apostólica”.³³

Parece, pois, evidente, que para uma adequada preparação às celebrações centenárias deva mobilizar-se em todas as nossas

28. Cf Ef 4,1-6 — 29. Lumen Gentium 50 — 30. Const. art. 11 — 31. ib. art. 4 — 32. ib. art. 21 — 33. ib. art. 5.

comunidades um sentido mais convicto e operativo de animação da Família Salesiana. É urgente dar mais importância ao envolvimento de numerosos leigos no empenho da nossa missão. Seria acanhar horizontes e ter pouca visão do futuro encerrar-se simplesmente nas obras existentes e não lançar entre os outros o patrimônio espiritual, pedagógico e apostólico de Dom Bosco, que é deveras uma peculiar profecia do Evangelho para a renovação da sociedade.

Os inspetores, os diretores, todos os animadores deveriam sentir-se investidos de um urgente mandato para propor e apelar para tantas pessoas de boa vontade que, em diferentes níveis de empenho, podem concorrer para tornar mais atual o projeto evangélico e a missão social e eclesial de Dom Bosco.

1988 nos interpela. Urge sair de casa para proclamar por ruas e praças a mensagem de esperança juvenil testemunhada e planeada por Dom Bosco para uma nova sociedade, que os Papas qualificam, com constante e renovado título, como "civilização do amor". Podemos e devemos fazer mais pela Família Salesiana!

Um centenário a ser preparado em toda a parte

O apelo para preparar o centenário com renovado critério oratoriano, com mais incisiva pastoral vocacional, com o testemunho alegre e fiel da Regra renovada, e com mais inteligente solicitude e aplicação espiritual para a animação da Família Salesiana, é dirigido a todos, em cada Inspeção e comunidade local. Esse modo vivo e envolvente de celebração centenária deve ser preparado em toda a parte! Deve ser a alma e a meta das outras manifestações comemorativas programadas.

Trabalhem, pois, também para essas outras manifestações. Não é barulho triunfalista, mas método evangélico também, grato a Dom Bosco pedagogo: "Assim deve brilhar vossa luz diante dos homens, para que vejam o bem que fazeis e agradeçam ao vosso Pai que está no céu".³⁴ Dom Bosco não fez soar o clarim para enganar o povo, mas para fazer ver que os bons existem, para fazer reconhecer para eles por parte de todos uma honrada cidadania, e para lembrar, sobretudo aos jovens, que o bem é mais forte que o mal. Pois o Senhor nos garante a sua vitória em gestação já nesta terra.

34. Mt 5,16.

O inspetor com o seu Conselho preocupe-se com que funcione uma comissão organizadora e animadora. É uma ocasião extraordinária de forte animação salesiana, e seria imperdoável leviandade preteri-la.

Cada inspetor deve sentir-se também solidário no apoio, na contribuição, na colaboração em algumas iniciativas comuns, próprias da Congregação como tal, assumidas e cuidadas pelo Conselho Geral.

Algumas iniciativas a serem realizadas com o concurso de todos

O ano comemorativo do centenário terá início dia 31 de janeiro de 1988 e durará até 31 de janeiro de 1989. Como vedes, o tempo de preparação é um tanto escasso. Já antes do CG22 haviam chegado propostas ao Conselho Geral anterior. Mas era preciso esperar as eleições capitulares. Uma comissão especial do novo Conselho examinou as propostas que, avaliadas e aprovadas de maneira global, deveriam ser levadas a efeito na esperança de que não faltem os meios suficientes para fazê-lo.

Certamente a primeira tarefa a ser assumida em todas as Inspetorias é o já exposto acima acerca dos empenhos de renovação espiritual e apostólica das nossas comunidades e do envolvimento de tantas pessoas que se inspiram em Dom Bosco.

Pensa-se também em peregrinações e iniciativas, sobretudo juvenis, de tipo nacional e internacional em Valdocco e nos Becchi. Existem comissões "ad hoc", que começam a programar.

Mas é, além disso, necessário abrir caminho para iniciativas concretas, que importam em notáveis esforços financeiros. Pode ser útil enumerar algumas mais importantes.

— O "projeto-Colle" que importa: prevenir ulteriores deteriorações da casa de Dom Bosco nos Becchi, já muito maltratada pelas intempéries; providenciar melhor arranjo da praça diante do templo, das estradas de acesso, dos serviços para estacionamento, tendas, etc.; conclusão e inauguração do grande museu missionário. Em ligação com os trabalhos do Colle será preciso também fazer reestruturações em Valdocco na basílica e nos locais contíguos para atender aos peregrinos.

— Estão-se dando passos concretos para chegar, ao menos assim esperamos, à produção de um espetáculo para televisão,

de qualidade, sobre Dom Bosco (em vários capítulos), feito por artistas e técnicos de importância internacional (a produção poderia depois ser adaptada para filme).

— Pensa-se em estimular e tornar concretamente possível a estudiosos competentes a preparação e publicação de escritos sobre a figura de Dom Bosco. No seu alcance histórico e no da cultura do seu tempo, na espiritualidade, na pastoral e na pedagogia etc. Quer-se facilitar, além disso, a produção de publicações e de outros meios de divulgação juvenil e popular. Propõe-se também oferecer prêmios, atraentes e adequados, para concursos artísticos, literários e musicais.

— Desejar-se-ia também dotar a nossa Universidade Pontifícia com apropriada “Biblioteca Dom Bosco”, como digno centro de pesquisa, estudo, elaboração e progresso das ciências vinculadas com a nossa missão.

Tudo isso evidentemente, e outras coisas que ainda podem aparecer, para não ficarmos apenas em fase de sonho, precisa de um suporte financeiro bastante elevado. O Ecônomo Geral, Pe. Homero Paron, que acompanha as coisas com ardoroso espírito de serviço e calculada esperança, já enviou um fraterno apelo a todas as inspetorias. Exorto-vos a levar em consideração seu convite para o “fundo-88”, torná-lo conhecido a benfeitores e amigos, a lembrá-lo na oração.

Em todos estes meses (menos de três anos) que nos separam do centenário, deveríamos todos saber realizar sacrifícios para cooperar (periodicamente e não de uma só vez!). O fundo-88 pode assim tornar-se expressão e medida da comunhão nos bens econômicos que foi sempre tradicional entre nós, desde os tempos de Dom Bosco. Também a Regra renovada cita, entre as responsabilidades do inspetor, a de prover “a solidariedade para com a Comunidade mundial, especialmente nos momentos e modos solicitados pelo Reitor-Mor e seu Conselho”.³⁵

Não será inútil observar que tudo o que se nos propõe para realizar tem, em última análise, uma finalidade eclesial, que multiplicará os seus efeitos benéficos sobre as duas grandes vertentes da nossa atividade salesiana: os jovens e as missões. Sim; quanto mais crescer o conhecimento, a simpatia, a gratidão, o contato com Dom Bosco e o seu carisma, tanto mais receberão

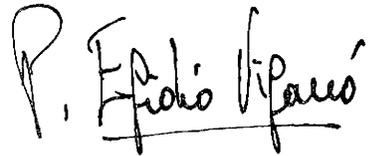
35. Regulamentos art. 197.

em serviço evangélico e em projeção humana “os pequenos e os pobres”.

Queridos irmãos, recorramos muitas vezes e com confiança a Nossa Senhora Auxiliadora, Mestra e Guia de Dom Bosco na sua vocação, para que ilumine e assista também a nós neste retorno providencial às fontes, por ocasião da data centenária da morte do nosso querido Pai, o amigo dos jovens nos cinco continentes.

A todos, minha cordial saudação. Para cada um, minha oração.

Cordialmente,



P. Egidio Cipari

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

2.1 CAMINHAR COM OS JOVENS RUMO A 1988

Pe. João VECCHI

Com os jovens

O ano de 1988 deve ser também o ponto de chegada de um caminho feito junto com os jovens: "Para milhares deles, a comemoração de Dom Bosco será uma grande festa" (CG22 57). Dom Bosco é deles e sentir-se-ia deslocado num ambiente onde jovens não houvesse nem se expressassem. Nas grandes manifestações de nível internacional, poderão participar somente poucos meninos de cada inspetoria e nação, particularmente das distantes dos centros onde se realizarão as celebrações.

Os jovens estarão empenhados e envolvidos nas iniciativas e celebrações preparadas em âmbito local e inspetorial, especialmente se elas forem pensadas para eles e segundo a sensibilidade deles, e sobretudo se foram seus elaboradores e atores, mais do que simples "espectadores" e "público". Para esse caminho que nos propomos percorrer com os jovens, parece-me importante destacar três aspectos, à maneira de sugestão.

O primeiro é o encontro vital dos jovens com Dom Bosco, mediante um conhecimento aprofundado das suas aventuras pessoais, da sua relação com a juventude, da sua obra, da sua atualidade. Informações, notícias e imagens dele devem atingir a "massa" juvenil dos nossos ambientes. É possível chegar com mensagens a cada pessoa mediante pesquisas, concursos, encontros de raio amplo com finalidades de reflexão, visitas a lugares significativos, formas de expressão artística, celebrações juvenis de tipo esportivo, cultural, social, religioso.

Várias inspetorias possuem experiências interessantes de acampamentos centrados no aprofundamento da missão e do espírito de Dom Bosco (cf. Campobosco), com resultados sempre superiores às expectativas. Com efeito, a figura de Dom Bosco, como quando ele vivia, continuou a "falar" aos jovens, exercendo

sobre eles misterioso fascínio. Será também conveniente tornar conhecida a Congregação Salesiana, sua difusão no mundo, os campos de sua atividade pastoral, as figuras dos sócios, sacerdotes e leigos, e alargar a visão para a Família Salesiana.

É importante que as iniciativas estejam, quanto a custo e quanto a nível, ao alcance de todos os meninos que quiserem satisfazer ao desejo de conhecer e “estar” com Dom Bosco por algum tempo.

Um segundo aspecto do nosso caminho com os jovens é criar oportunidades também extraordinárias, a fim de que participem diretamente na obra de Dom Bosco: uma missão juvenil 88.

Podem ser propostos empenhos particulares rumo a 88 ou para 88 em favor dos mais necessitados, na animação de ambientes juvenis e populares, nas missões próximas e distantes.

O voluntariado, que hoje desperta o interesse dos jovens e também se encontra no centro da atenção da Igreja e da sociedade, por causa dos valiosos resultados que está dando, é uma proposta concreta. Foi também encorajado pelo CG22 (cf. n. 10), e se neste biênio receber um impulso oportuno, se consolidará como componente do nosso fenômeno associativo. Todos os dias surgem novas necessidades, seja no Terceiro Mundo como na sociedade do bem-estar, que oferecem campo à criatividade juvenil e a experiências educativas de doação.

Isso dará a oportunidade para repensar e relançar a dimensão vocacional do nosso projeto, incitando cada comunidade a falar dela e a pô-la em prática, melhorando o serviço de apoio e acompanhamento, cuidando das comunidades de acolhimento.

Enfim, o 88 se oferece como meta importante para a maturação dos grupos e movimentos juvenis e para um esclarecimento do seu itinerário espiritual. Há uma realidade que veio crescendo e cresce ainda, embora só possa ser avaliada por quem pode seguir processos diários não vistosos: animadores, voluntários, jovens associados encontram-se, muitas vezes também em âmbito inspetorial, em dias de encontro, aprofundamento pastoral, reciclagem espiritual. Ao redor dos salesianos há um amplo círculo de colaboração juvenil, e, em torno dela, um círculo ainda maior de meninos “em caminho”. É um verdadeiro movimento de estilo salesiano! E também nisso observam-se progressos em cada avaliação.

O CG22 indicou-nos uma meta comunitária: "Cada inspetoria e cada comunidade local... preparem uma proposta associativa, que ofereça uma autêntica experiência espiritual e de empenho apostólico" (CG22 7). O itinerário de maturação cristã dos jovens é o coração e o ponto de coagulação da proposta associativa. Trata-se de fazer passar os valores enunciados pelos "manifestos" e pelas "proclamações" à vida de cada um e dos grupos. A reflexão já vem de alguns anos, e não faltaram momentos de síntese. A "Lembrança" deste ano oferece-nos nova oportunidade, ao convidar-nos a pensar em nossa proposta à luz das bem-aventuranças.

Há ainda para o movimento nascente um lugar de referência ideal: a casa de Dom Bosco no Colle que hoje traz seu nome e sobre o qual surge o seu santuário. Aí é possível reviver, mediante um encontro quase sensível, a aventura de Dom Bosco. Alguns grupos europeus já programaram dias de reflexão no solo natal do nosso Pai.

1988 pode ser, portanto, o ponto de chegada de um esforço de consolidação e expansão dos grupos juvenis. Pode ser também uma oportunidade de encontro extraordinário para o aprofundamento da identidade cristã deles. Com eles e por eles podem-se pensar em formas de empenho, estudo, celebrações. E não se deve descartar que, se as avaliações o aconselharem, se façam através do dicastério os primeiros contatos internacionais.

Em comunidades educativas

Mas se os jovens são somente destinatários de uma proposta de empenho ou receptores de uma mensagem, a possibilidade de que atinjam os objetivos são escassas. Toda proposta e mensagem adquire valor se partilhada por uma comunidade e inserida numa relação educativa. 1988 é, pois, um ponto de chegada para a comunidade educativa inteira.

Certamente um dos aspectos salientes da personalidade de Dom Bosco foi a sua capacidade pedagógica. Ele abriu novos caminhos práticos para a promoção e o desenvolvimento do cidadão e do cristão. Sob esse aspecto conheceram-no muitos através das instituições e pessoas dos salesianos. Hoje as comunidades salesianas são chamadas a animar do ponto de vista pedagógico um grande número de colaboradores, pais, forças

ligadas à profissão educativa. As iniciativas e presenças salesianas não conseguiriam manter nem sua eficácia, nem sua identidade sem o conhecimento e a prática do Sistema Preventivo por parte de todos os componentes da comunidade.

Encaminhando-nos para o 88 é interessante, pois, reforçar as relações, as estruturas, as ocasiões com que se forma e solidifica a comunidade educativa; aprofundar o sentido e as conseqüências práticas do papel animador assumido pela comunidade salesiana; envolver colaboradores, amigos e pais no diálogo sobre o Sistema Preventivo e sobre a nossa proposta educativa, com programas, dias de estudo e difusão de livros. O material existente já é abundante. O que se requer é talvez um esforço de tradução prática particularmente intensa.

A obra salesiana está inserida numa comunidade humana; está em relação com outros centros onde se elaboram propostas educativas e culturais ou iniciativas pastorais; participa num território concreto. O maior impacto que a nossa presença tem sobre ele é certamente a presença da juventude em nossas casas e a capacidade dos salesianos de educá-la. O território é um outro âmbito em que pensar para o centenário e os objetivos que as iniciativas se propõem poderiam ser esclarecidos respondendo a perguntas deste gênero:

— Quais aspectos da personalidade e da obra de Dom Bosco, convenientemente apresentados, ajudariam o território a crescer como comunidade humana, solidária, capaz de oferecer experiências amadurecedoras às jovens gerações?

— Que proposta convém fazer em 88 aos jovens que não são “clientes” nossos habituais, mas podem participar numa celebração, num diálogo, em jornadas de partilha?

— Que discurso e que “subsídios” se poderiam oferecer aos adultos e particularmente a pais e educadores?

— Que poderia chegar às autoridades que têm responsabilidades educativas ou políticas sobre a juventude?

— Que oferecer à paróquia na qual estamos inseridos, às estruturas de pastoral de conjunto, aos centros de colaboração e encontro de educadores?

Não se trata de “fazer propaganda”, mas de partilhar os nossos bens e ser solidários com a comunidade humana na qual

trabalhamos, oferecendo à Igreja a especificidade do nosso carisma segundo a recomendação do CG22; levar a nível de fecundidade e partilha a nossa competência juvenil, popular, educativa e evangelizadora (cf. n. 77).

Com renovada vitalidade e competência

Quanto vimos dizendo supõe uma delicada operação de “escolha” de frentes para privilegiar e de condições para criar, inspiradas numa caridade pastoral que se exprime no concreto.

O CG22 repensou com riqueza de avaliações e sugestões em nossa pastoral. A preocupação principal, que pode ser tomada como orientação de base para este sexênio, é a qualificação pastoral e educativa da ação dos salesianos.

Não é difícil perceber o reflexo de tal preocupação, seja na relação do Reitor-Mor sobre o estado da Congregação (cf. CG22 n. 189, 190, 192), seja na reformulação do texto constitucional (cf. artigos 31-39) e no enriquecimento do texto regulamentar (cf. artigos 1-10), seja no discurso de encerramento (CG22 n. 68-78), seja nas poucas orientações operacionais (CG22 n. 5-6).

A qualificação é contraposta ao puro ativismo pastoral “que se compraz em relacionar iniciativas e difundir obras”, mas é avesso a qualquer exame acurado da ação (cf. CG22 n. 191).

Relaciona-se a qualificação à capacidade de regenerar os recursos humanos da Congregação, mediante o florescimento das vocações. Com efeito, em momentos de avaliação vê-se que há iniciativas e obras nas quais Congregação investe sem retorno os recursos humanos que investiu: “um padrão que pode medir a profundidade da nossa ação é a fecundidade vocacional” (CG22 n. 293). Finalmente, a qualificação da ação é medida pela capacidade de dar respostas adequadas às necessidades educativas e às expectativas espirituais dos jovens.

A qualificação das iniciativas, no sentido da incidência evangelizadora e da atuação pedagógica é a condição para fazer sentir hoje aos jovens a mensagem de Dom Bosco.

Ela requer como primeiro requisito, particularmente nas inspetorias em que se sente a diminuição numérica dos irmãos e a subida da idade, um discernimento sobre as iniciativas a serem privilegiadas e a conseqüente recolocação e redistribuição

das forças em torno das que aparecem mais promissoras do ponto de vista pastoral, ou mais significativas do ponto de vista da identidade salesiana. Se se adiar essa operação, perder-se-ão ainda oportunidades de enfrentar com soluções concretas as inevitáveis carências que observamos.

Ligado ao primeiro aspecto há o plano de preparação específica do pessoal, nos termos estabelecidos pelo artigo 10 dos Regulamentos Gerais: "Para manter e desenvolver de modo orgânico as diversas presenças pastorais e educativas, cada inspetoria programe a preparação e a atualização do pessoal nos vários setores, levando em conta as aptidões dos irmãos e as necessidades das obras". Não se deve pensar num futuro, particularmente na área educativa, sem a renovação das competências dos irmãos. As diversas linhas pastorais propostas, todas acolhidas no momento da formulação, chocam-se num segundo momento com os problemas da tradução prática no dia-a-dia e por longo prazo. É preciso que reencontremos o justo equilíbrio, mediante a preparação de agentes, entre a "produção" de propostas e sua atuação.

A densidade de cada comunidade local, em proporção com as exigências que a missão inspetorial lhe confia, é o terceiro aspecto a ser cuidado para a qualificação da ação. As novidades inseridas ultimamente na nossa práxis aliviaram as tarefas diretas da comunidade salesiana e concentraram seu papel nos aspectos mais diretamente pastorais, salesianos e de animação. Mas abaixo de certo limiar numérico e de competência, o novo esquema não só não dá seus frutos, mas acusa claramente os limites. Há na tradição salesiana uma indicação preciosa para a eficácia e a profundidade do trabalho: a definição, a harmonização e a completeza dos papéis, segundo o trabalho pedido à comunidade. Nas novas condições em que trabalhamos e com o dinamismo que a vida das hodiernas comunidades educativas impõe, o critério seria recuperado.

Assim será possível repensar e melhorar os conteúdos, as metodologias e a incidência da nossa intervenção e enfrentar seja os desafios que aparecem na área educativa, seja as buscas de intensidade evangélica no setor mais explicitamente religioso.

Os jovens, as comunidades educativas e pastorais, a qualificação da intervenção dos salesianos são três realidades ligadas. O discurso conduziu-nos, quase por lógica interna, de uma a outra.

E é isso que constitui o caminho pastoral rumo a 1988: crer no dom original que o Espírito nos fez em Dom Bosco, atualizar as nossas competências e ser a sua voz e a sua presença para os jovens de hoje.

2.2 "FUNDO '88": CONVITE À SOLIDARIEDADE

O Ecônomo Geral enviou em dezembro de 1984 uma carta aos Inspetores salesianos, apelando para a solidariedade em favor das iniciativas referentes às celebrações centenárias de 1988.

... "De acordo com o Reitor-Mor e com o seu Conselho, foi constituído junto ao Economato Geral um depósito de dinheiro chamado "FUNDO '88", cuja finalidade é atender às despesas necessárias para o Centenário. Os primeiros contribuintes serão os ... Inspetores!, mas nesse certame de generosidade deve envolver-se toda a Família Salesiana, os benfeitores e os amigos de Dom Bosco"...

Pe. Omero Paron

3. DISPOSIÇÕES E NORMAS

MISSAS "BINADAS" OU "TRINADAS": DESTINAÇÃO DAS ESPÓRTULAS

Pergunta-se: que diz o novo Código de Direito Canônico a respeito?

O Vigário Geral, Pe. Gaetano Scrivo, após consultar o Departamento jurídico e alguns professores da Faculdade de Direito Canônico da UPS, responde:

1. Tenha-se presente, primeiro que tudo, o cân. 905 § 2, que se refere à faculdade de "binar" nos dias feriais e à faculdade de "binar" ou também "trinar" nos domingos e festas de guarda. A competência para conceder essa faculdade é do *Ordinário do lugar* (exceto, evidentemente, os casos já contemplados no direito ou nos livros litúrgicos: concelebração com o Bispo ou com o Ordinário religioso, missa da comunidade, concelebrações em circunstâncias particulares etc.).

2. Quanto às espórtulas oferecidas pelas missas binadas e trinadas, o cân. 951,1 determina que devem ser entregues para as finalidades estabelecidas pelo *Ordinário*. Nesse termo estão compreendidos também os Superiores Maiores dos Institutos religiosos, e, para nós, conseqüentemente, os Inspetores.

A diferença do termo usado nos dois cânones ("Ordinário do lugar" no cân. 905 § 2; "Ordinário" no cân. 951,1) indica claramente, segundo a interpretação dos juristas, a vontade do legislador de *reservar* ao Ordinário do lugar a faculdade de autorizar a binação e a trinação nos casos previstos pelo Código, e de estender a destinação das ofertas recebidas ao Ordinário (= o Bispo para os sacerdotes diocesanos, o Superior Provincial para os sacerdotes religiosos) para as finalidades por ele estabelecidas.

Eis aí a resposta autêntica ao quesito apresentado. Para nós Salesianos as espórtulas das missas binadas ou trinadas serão destinadas às finalidades determinadas pelo Inspetor.

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL

Atividades dos Conselheiros

4.1 ETIÓPIA: DESASTRE OU MENSAGEM?

O Pe. Luc Van Looy, Conselheiro Geral para as Missões, visitou em dezembro as nossas Missões na Etiópia, flagelada pela fome e pela sede. Levou aos irmãos e à população a ajuda e o encorajamento do Reitor-Mor e do seu Conselho, fazendo sentir a proximidade fraterna da Congregação, que de muitos modos procura socorrer generosamente as maiores necessidades.

O Pe. Luc apresenta aqui uma reflexão sobre o grave problema das miseráveis condições em que se encontra a população. Problema que continua a interpelar-nos.

O fato de que um desastre físico-natural continua a ceifar vítimas por tão longo período significa que há quem o permita! O grito e a mensagem que provém dos 700.000 mortos por causa da fome no Norte da Etiópia é que a atual divisão mundial em dois campos (desenvolvimento e subdesenvolvimento, opulência e miséria. . .) não pode produzir nem progresso, nem paz, nem convivência. Produz somente a morte!

O fato de o povo da Eritréia e do Tigray haver-se resignado e aguardar pacificamente a morte não se explica simplesmente com a afirmação de que é um povo meditativo e paciente, resignado ante as causas naturais, com alma profundamente religiosa. São pessoas “desanimadas” pelas condições desumanas da situação sócio-política.

Nesse ambiente os Salesianos fizeram surgir um “Comitê Católico de Ação Social”, já em 1981. Em colaboração com as Filhas da Caridade, abriram os olhos da Igreja da Etiópia para o desastre que se mostrava iminente. Era muito tarde para resolver o problema. Os guerrilheiros aproveitam da morte do povo faminto para dizer ao mundo que não podem continuar a viver sob o atual governo. O governo aproveita da fome do povo para mais facilmente descobrir os guerrilheiros, que são ajudados com alimentação pelos países vizinhos. A morte já não é um hóspede na casa de um etíope: é o dono!

Os Salesianos, junto com os noviços (3) e com os aspirantes (39) e com uma centena de leigos, cuidam diretamente de um campo de 24.000 refugiados, onde, nos primeiros dias de janeiro morriam quase cem pessoas por dia. Agora

a situação está um pouco mais controlada, quer porque morreram os que não podiam ser salvos, quer porque, com a chegada de ajuda de todos os países ocidentais, pôde-se socorrer muita gente. Espera-se agora a chuva de abril. Mas espera-se também que mesmo quando vier a chuva, o mundo continue a ser generoso enviando sementes para plantar, porque o povo consumiu a semente guardada.

Graças a várias Congregações religiosas e grupos de médicos voluntários, pôde-se dar assistência médica a muitos, mas as necessidades são ainda grandes. As pequenas tendas não são suficientes. Teme-se, além do mais, que as grandes chuvas de junho venham a produzir desastres ainda maiores.

Deve-se levar em conta também que as pessoas que há meses se dedicam, dia e noite,

ao cuidado médico e à distribuição de alimentos estão sobrecarregadas de trabalho, adoecem e estão continuamente em perigo, já que estão sempre em contato com epidemias e doenças.

A maior preocupação é com as crianças e os meninos que perderam os pais. Que será deles amanhã? Quem os educará, que sociedade construirão, depois de viverem tão longo tempo em situação tão desastrosa?

Os irmãos de Makallé agradecem a todos os que os ajudaram e que com sua simpatia foram para eles uma força e uma esperança. Esperam continuar a ser assistidos, nos próximos meses, tanto materialmente quanto na reflexão, para poderem responder **SALESIANAMENTE** a essa grave situação.

Pe. Luc Van Looy

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

5.1 A "LEMBRANÇA" DO REITOR-MOR: UM PRESENTE E UMA TAREFA PARA 1985

Também este ano, segundo uma bela tradição da nossa Família, o Reitor-Mor deu-nos o presente da "Lembrança", que não só representa um sinal da presença amorosa de Dom Bosco, através de seu Sucessor, mas se torna estímulo de iniciativas para sempre mais renovada fidelidade ao espírito e à missão salesiana.

A Lembrança, já comunicada desde o outono de 1984 (para poder ser assumida como ponto de referência nas programações educativas e pastorais), foi apresentada e comentada pelo próprio Reitor-Mor no último dia do ano, 31 de dezembro de 1984, para as Madres e Irmãs da Casa Geral das Filhas de Maria Auxiliadora e depois aos irmãos na Casa Geral dos Salesianos. Dia 13 de janeiro o Reitor-Mor falou dela à Família Salesiana do Lazio, reunida na UPS.

A Lembrança liga o testemunho e a missão do Salesiano com as Bem-aventuranças do Evangelho, acolhidas e vividas com os jovens e para o serviço dos jovens:

"Tornemos a ouvir com os jovens as Bem-aventuranças do Evangelho para despertar no mundo uma nova esperança".

O comentário resume os motivos dessa proposta:

"1985 é o *ano dos jovens*. Era preciso, então, uma Lembrança que se referisse diretamente a eles, que nos empenhasse mais profundamente no serviço a eles e na promoção dos valores de fundo; sobretudo porque vemos que a juventude, hoje mais talvez do que em outras épocas, tem urgente necessidade de fortes ideais.

— Outro motivo é a constatação de uma necessidade vital nos vários grupos da Família Salesiana. Partindo dos meus irmãos e olhando para mais além, ainda que haja belas exceções, penso que o defeito mais perigoso entre nós é o da *superficialidade espiritual*. Defeito que se projeta sobre a nossa pastoral e sobre as várias atividades que desenvolvemos entre os jovens. Somos capazes de fazê-los estudar, brincar, cantar e mesmo de entusiasamá-los com algumas iniciativas inteligentes e oportunas, mas talvez não estejamos seguros de conseguir torná-los verdadeiros cristãos.

A superficialidade espiritual é um grave perigo, e é preciso vencê-lo com todas as forças, porque atinge a própria raiz da nossa missão.

— Outro motivo, ou melhor, uma bela sugestão, veio-me da peregrinação que fizeram quinhentos jovens franceses aos Becchi, dois anos atrás. Meditando sobre a vocação de Dom Bosco e sobre a sua vida dedicada inteiramente à juventude, e refletindo sobre como deviam captar-lhe uma mensagem para levarem consigo, chegaram à bela conclusão de definir a colina dos Becchi como *a montanha das bem-aventuranças juvenis*.

Eis aí uma magnífica intuição dos jovens, que nos revela a nostalgia de seu espírito. A mim me pareceu que, inspirando-se justamente em Dom Bosco, todos os jovens do mundo nos convidassem a aprofundar, com eles e para eles, as Bem-aventuranças.

— Devo acrescentar que, nestes anos, a Família Salesiana foi redescobrendo *em profundidade o Sistema Preventivo*. Uma realidade pedagógica que tem todo um contexto espiritual. Trata-se de viver entre os jovens a caridade proclamada pelo Evangelho, praticando-a na bondade, na razão, no espírito de família, numa cultura mais cristã. É uma espiritualidade original, impregnada e levedada pelo espírito das Bem-aventuranças. Portanto, também a redescoberta do Sistema Preventivo

nos leva a concentrar a nossa atenção sobre a Lembrança”. (*Do Comentário à Lembrança publicado pelas FMA.*)

Como se pode deduzir também das precedentes observações, o Reitor-Mor espera da atuação da mensagem da Lembrança o nascimento e florescimento de iniciativas que façam revigorar espiritualmente a nossa presença e ação entre os jovens, em resposta aos “desafios inéditos” deste nosso tempo, “que é preciso saber enfrentar e ao qual é mister responder com a mensagem do Evangelho”.

O Sucessor de Dom Bosco propõe, para isso, alguns “*temas geradores*” capazes de dar consistência à nossa ação pastoral, sobre o fundamento de uma autêntica e atraente espiritualidade juvenil.

O *Boletim Salesiano*, apresentará todos os meses, para toda a Família Salesiana e para os amigos de Dom Bosco, um itinerário para chegar a compreender cada vez melhor as Bem-aventuranças evangélicas e para encarná-las na vida quotidiana, com um estilo juvenil e salesiano. O próprio Reitor-Mor quer continuar a aprofundar nas páginas do Boletim o seu comentário à

Lembrança, traduzindo-o em empenhos concretos e atuais.

Pode-se perguntar se a Lembrança foi acolhida e como está influenciando sobre a vida e missão da Família Salesiana.

Das notícias destes primeiros meses de 1985, chegadas até agora, parece que a Lembrança se está demonstrando um fermento vivo e estimulante. Todos os grupos da Família Salesiana receberam um estímulo para estudar com interesse o fundamento evangélico da espiritualidade e pedagogia salesiana, e a fazê-lo juntamente com os jovens e para eles.

Pode-se aqui recordar algumas iniciativas inspiradas na Lembrança.

Os Salesianos ligaram a acolhida das Constituições, aprovadas pela Sé Apostólica, com a mensagem das Bem-aventuranças, delas recebendo estímulo para viver mais plenamente em seguimento de Jesus, segundo o espírito de Dom Bosco. As iniciativas juvenis, nascidas ou tornadas mais vivas pela "boa nova" das Bem-aventuranças, são numerosas: encontros e congressos juvenis sobre a espiritualidade juvenil salesiana, renovado empenho com relação ao associacionismo e ao movimento juvenil salesiano, novo

impulso para encontrar caminhos eficazes de orientação vocacional.

As Filhas de Maria Auxiliadora enfocaram todo o próprio programa anual de pastoral juvenil com referência ao tema da Lembrança: "E então vos chamarão bem-aventurados...". Um empenho para traduzir o 'manifesto' das Bem-aventuranças em 'itinerários educativos' para a juventude. Muitos Exercícios Espirituais para as irmãs e para as jovens inspiraram-se nas Bem-aventuranças.

A Associação dos Cooperadores Salesianos dedicou ao aprofundamento da Lembrança o tema da primeira conferência anual, tirando dela inspiração para uma redescoberta da autenticidade evangélica da vocação salesiana no mundo.

Entre todas essas iniciativas, merece destaque especial a *Semana de espiritualidade da Família Salesiana*, promovida pelo Conselheiro para a Família Salesiana e a Comunicação social.

Como conclusão destas notícias, fazemos votos por que se realize o desejo expresso pelo Reitor-Mor no fim do seu 'Comentário': "Que as nossas comunidades e todos nós sejamos testemunhas vivas do

“Manifesto de Jesus”. Testemunhas para sermos portadores da “boa nova”: “Se nós mesmos, com efeito, formos evangelicamente ‘bem-aventurados’, saberemos lançar uma genuína espiritualidade juvenil”.

5.2 PARA UMA EDUCAÇÃO DOS JOVENS À PAZ

Nos dias 2-4 de janeiro de 1985, a Faculdade de Ciências da Educação da Pontifícia Universidade Salesiana promoveu um Congresso para jovens e educadores (especialmente para os membros da Família Salesiana) sobre o tema “EDUCAR OS JOVENS PARA A PAZ”.

O tema, muito atual e claramente evangélico, ligava-se muito bem tanto com a mensagem do Papa João Paulo II para o dia mundial da paz (*“Os jovens e a paz caminham juntos”*), como com a Lembrança do Reitor-Mor sobre as Bem-aventuranças ouvidas com os jovens para um futuro de esperança.

A numerosa presença no Congresso, que se propunha um aprofundamento e confronto pedagógico-pastoral por parte de Salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora, educadores religiosos e leigos e por

parte dos jovens, atesta a atenção dada, na atual reflexão cristã, aos valores da paz.

Enquanto aguardamos os “Atos” do Congresso, muito rico de estímulos para a prática educativa e pastoral, re-produzimos aqui o discurso de abertura do Reitor-Mor, que quis abrir os trabalhos na manhã do dia 2 de janeiro, delineando os objetivos gerais do encontro e indicando alguns caminhos para uma educação cristã dos jovens à paz.

“Shalom!” Paz e alegria para todos!

Considero uma escolha feliz o tema deste congresso, pela sua sensibilidade às instâncias da vida. Congratulo-me com os organizadores porque, com esta iniciativa, põem em evidência os valores subjacentes ao crescente movimento pela paz que, embora necessitado de atenta crítica, está a manifestar o emergir de um sinal dos tempos.

1. *Consciência da virada nuclear*

O descobrimento atômico levou a uma consideração inédita da convivência entre os povos. Lembrava-o João XXIII, na Encíclica “*Pacem in terris*”: depois da virada nuclear, as questões da paz e

da guerra são enfrentadas com mentalidade inteiramente nova (cf. p. ex.: n. 43).

Levou-o em consideração também o Concílio ao condenar a guerra total (cf. LG 80).

As 60.000 bombas nucleares hoje existentes representam a possibilidade de um genocídio universal. São suficientes para aniquilar, bem mais de dez vezes, toda a humanidade. E a despesa de 800 bilhões de dólares por ano (quase dois milhões de dólares por minuto), destinada à atualização e aperfeiçoamento dos armamentos dos grandes exércitos (cf. "Vita e Pensiera — Armi e disarmo oggi" — Milão, 1983, 52), é uma autêntica loucura, se comparada com as necessidades dos povos que sofrem.

Urge, pois, repensar os problemas, da guerra e das armas, que se tornaram tão graves, a fim de nos empenharmos com todas as forças para dar amplo espaço a uma "cultura da paz".

2. *Suspeitas por explicar*

A primeira reação, porém, ao tema do congresso poderia ser também negativa. Podemos perguntar-nos se dar peso ao atual fenômeno dos movi-

mentos pela paz, que surgiu na Europa ocidental e nos Estados Unidos, não é deixar-se envolver na fugacidade de fenômenos que se sucedem sem incisividade histórica.

Esse fenômeno é "moda" ou "profecia"? À primeira vista podem-se formular raciocínios de rejeição. Recolhi dois.

O primeiro afirma que no fenômeno do pacifismo haveria uma concepção romântica da paz, facilmente instrumentalizável por interesses inconfessados. Além das numerosas ambigüidades mescladas aos movimentos pacifistas, pergunta-se se é realismo excluir a guerra da vida dos povos. Que época histórica não a conheceu? Somente nestes últimos 45 anos, contam-se 150, entre pequenas e grandes, com 25 milhões de mortos.

Ensina a experiência que é inato no homem o instinto de agressividade, até ao uso da violência, já a partir da primeira hora, com Caim. Empenhar-se na luta com todos os meios, violentos também, é considerado por muitos como o próprio motor da história.

Considera-se, então, o tema da paz como moda transitória que importa uma concepção utópica da condição humana, um sonho platônico de ingênuos.

O segundo raciocínio parte da observação de que os movimentos pela paz nasceram e desenvolveram-se nos Países ricos.

Considerando a situação geográfica das grandes zonas de conflito hoje, constata-se que há um perigoso dissídio de natureza ideológica entre Leste e Oeste (os dois blocos das grandes potências), e um outro, muito grave, de natureza sócio-econômica entre Norte e Sul (desigualdade no uso dos bens econômicos e no desenvolvimento). No conflito Leste-Oeste, a paz consistiria somente em evitar a guerra total. Para fazer isso recorreu-se ao equilíbrio do terror, cujo financiamento aumenta assustadoramente o abismo Norte-Sul.

Dessa maneira no Terceiro mundo a verdadeira paz poderá vir num futuro distante, quando se tiver feito justiça social, desqualificando o conceito atual de propriedade e superando a discriminação de dependência.

Os movimentos pacifistas teriam surgido nas sociedades de consumo, porque nelas já não tem sentido proclamar uma revolução que subverta as estruturas do bem-estar que, embora muito egoísta, não é considerado injusto. Os

movimentos pacifistas seriam um epifenômeno de fachada. Privilegiar muito o tema da paz implicaria a abdicação dos dinamismos da revolução, tão urgentes hoje para um processo mais acelerado de libertação de muitos povos.

3. *A paz: um tema-chave*

Não vou comentar ou rebater imediatamente esses raciocínios.

Parece-me pacífico que, considerando os vários aspectos da hodierna situação mundial, a noção de "paz" emerge sempre mais claramente como um tema-chave, carregado de valores, portador de novidades, anunciador de uma virada qualitativa na cultura dos povos.

Justamente pela ameaça do holocausto total, a mensagem da paz torna-se a profecia da vida e pertence ao advento de nova época histórica.

A paz, ainda antes de ser definida ou descrita, cataliza a atenção das novas gerações, derruba teorias e sistemas doutrinários, exorciza ideologias, dá origem a movimentos. suscita projetos, sonha e inventa novas modalidades de convivência. Mostra-se como um daqueles valores, denominados "sinais dos tempos", que agitam e fazem explodir as cultu-

ras existentes, anunciam a aurora de uma civilização inédita, exigem mudança de mentalidade e estimulam à inventiva social.

O tema da paz alinha-se com os grandes processos de mudança cultural hoje em curso: a "libertação", a "promoção da mulher", a "secularização", a "inculturação" e os outros, que mostram uma mudança epocal. Hoje a noção de paz torna-se tema gerador de grandes novidades. Traz consigo sobretudo peculiar sensibilidade quanto ao "bem comum" nos seus vários níveis: da família à fraternidade universal. É uma ótica nova, que influi sobre o conceito da moral, atinge em profundidade os conceitos de política, de economia, propriedade, justiça social, solidariedade, dignidade da pessoa humana, direitos dos povos e propostas de novos projetos históricos. Abre horizontes mais vastos aos ideais de empenho, sacrifício, profissionalidade, vocação, doação de si. Aspectos, esses, que intervêm amplamente na educação dos jovens.

A paz mostra-se deveras, hoje, um tema-chave.

4. *Situação de desorientação*

Poderia ser considerada, porém, uma chave que não abre.

Entre os povos surgem, de fato, continuamente e um pouco por toda a parte, incontidos conflitos; há ainda, como diz o Papa, "numerosas situações de injustiça, que não explodem em conflitos abertos somente porque a violência dos que detêm o poder é tão grande que priva os mais fracos até mesmo da energia e da possibilidade de reivindicar seus direitos" (Mensagem '85, n. 1).

Pelo que se vê, não há verdadeira paz no mundo, nem é fácil formular dela um conceito operativo.

Na raiz dessa desencorajadora constatação, encontram-se sistemas ideológicos de inspiração materialista e laicista, com uma visão redutiva do homem.

"Algumas dessas ideologias transformaram-se mesmo numa como falsa religião secularista, que pretende trazer salvação a toda a humanidade, mas sem produzir nenhuma prova da própria verdade" (Mensagem '85, n. 1).

Em semelhante clima, mesmo considerando a paz um tema-chave da nova cultura, parece quase impossível chegar a um acordo quanto à programação de sua realização.

Se se leva em conta o pluralismo de interpretações, se se

somam os intermináveis problemas que a circundam, se se consideraram os vários níveis de intervenção (mundial, continental, nacional, local, cultural, sindical, político), defrontamo-nos num amontoado confuso e quase inacessível de dificuldades, como se houvéssimos penetrado num labirinto sem saída. É o caso então de perguntar: será possível encontrar um ponto de referência, que deveras ilumine a natureza da paz e possa estimular os homens a uma profunda renovação das mentalidades para uma programação realista com vistas ao futuro?

Acreditamos que sim.

5. *A luz da fé*

No escuro desalento de hoje, o crente tem uma estrela polar, que o pode guiar: a fé!

A fé não é um recurso anti-científico ou um resíduo mágico de ontem, mas uma participação no próprio olhar de Deus sobre as vicissitudes da existência. A realidade humana é dinâmica, muito mais ágil que o progresso das ciências. Estas são preciosas, mas chegam depois: iluminam e ensinam, mas não são guias. Se para fazer política, educação ou pastoral se devesse colocar ao volante alguma ciên-

cia, o mundo pararia. A fé não é uma ciência, nem mesmo a teológica; é, antes, um dom de penetração sintética do devir histórico, até perceber nele o plano divino de salvação.

As mudadas circunstâncias da humanidade exigem hoje que se saiba participar no olhar de Deus, relendo seu "Evangelho da paz", a partir de uma ótica nova e com mais ampla sensibilidade. Nessa releitura vê-se logo que o conceito de "paz" não se reduz à ausência de guerra, mas se constrói sobre os horizontes do "bem comum" e os ultrapassa em profundidade e transcendência, com um conjunto de dados positivos a serem individuados e cuidados.

No projeto divino da "Criação", o mundo mostra-se como a casa feita para o homem, seu senhor. O gênero humano deve multiplicar-se na comunhão de uma fraternidade universal, os bens da terra existem em favor de todos, tendo em vista a dignidade das pessoas e a alegria dos corações. Tal projeto, mais que obra-prima já terminada, é tarefa confiada à liberdade e à iniciativa do homem.

Assim, neste nível de projeto criatural, a paz exige um fundamental "empenho leigo", confiado absolutamente a to-

dos. Chamo-o "leigo" para sublinhar que se refere à autonomia inerente aos valores próprios das realidades terrenas (cf. AA 7, GS 36) na sua destinação ao "bem comum". As desigualdades, as falências, as injustiças e o pecado, que surgiram no correr dos séculos, não corrompem a natureza mesma de tais realidades, exigem, antes, um empenho comum pela paz, fundado na idéia genuína do homem e iluminado por contínuo aprofundamento das suas exigências éticas. Toda a criação é um magnífico projeto de paz, cujo desenvolvimento e aperfeiçoamento é confiado à liberdade do homem.

Por outra parte, no projeto divino da "Redenção", a paz aparece como o fruto de uma liberdade potencializada por paradoxal e superior modo de amar.

Sabemos que Cristo trouxe e deu uma paz (*Jo 14,27*) diferente da que o mundo costuma oferecer (*Jo 16,33*); Ele mesmo é a paz (*Ef 2,14-18*). Em oposição ao mundo atormentado pelo pecado, Ele inicia uma "nova criação", que cresce, "já e não ainda", em toda a história posterior.

Nesse nível, a força vencedora é a de uma caridade teológica alheia a toda violência e empenhada no dom de si para

o bem de todos. Vemo-lo em Jesus Cristo: com a sua morte e ressurreição, Ele dá início à verdadeira possibilidade da paz. Introduce na história um "fermento escatológico", que opera pela paz, "já e não ainda", segundo o modo paradoxal anunciado pelas Bem-aventuranças. A energia sobrenatural de tal fermento faz amadurecer progressivamente no devir humano uma civilização do amor. O espírito das Bem-aventuranças tem uma dinâmica que se move acima das também válidas razões éticas: é uma fonte de paz, que se distingue das leis próprias da racionalidade, como o fermento da massa. Se em nível ético de avaliação do bem e do mal, podem-se dar situações em que nem sempre é condenável o uso da violência, no nível evangélico das Bem-aventuranças (ou seja, no testemunho do amor libertador de Cristo entre os homens), jamais se poderá dar uma situação na qual se justifique que um discípulo desembainhe a espada: Pedro fez assim no horto do Getsemani e foi reprimido.

Deve-se, pois, harmonizar, na educação para a paz, um fundamental "empenho leigo" com um indispensável "fermento escatológico"!

6. *Elementos da paz*

Portanto: o crente que olha para a estrela polar da sua fé pode compor uma concreta e positiva descrição da paz, que inclui, no centro, os seguintes elementos:

— Primeiro: Uma condição social de serena convivência a ser atingida com todo o esforço. Ela importa a exclusão da guerra e das violências, para favorecer o desenvolvimento da condição humana. Esse desenvolvimento tende a fazer crescer continuamente as possibilidades de comunhão na liberdade e de participação nos bens postos pelo Criador a serviço de toda a humanidade. Para chegar a semelhante meta, é preciso sacrificar-se, estudar, inventar, promover as ciências e a técnica, cultivar a competência profissional. Justamente se disse que “o novo nome da paz é o desenvolvimento”, estendido a todos com o incremento de mútuas relações, na igualdade, na liberdade e na fraternidade.

— Segundo: Um empenho individual e coletivo de solidariedade entre concidadãos e povos. Uma solidariedade que procura e promove o “bem comum”, na ordem da laicidade criatural das coisas. Isso exige progressiva maturação social de colaboração nos vá-

rios níveis, consciência ética, sensibilidade política, visão econômica, envolvimento prático na co-responsabilidade democrática.

No âmbito desse empenho de solidariedade, apresentam-se evidentemente conflitos. De aí a necessidade de adequada preparação para sabê-los analisar com objetividade e resolvê-los com os meios mais adequados da assim chamada não-violência ativa.

— Terceiro: Um testemunho social de espiritualidade evangélica, sintetizada nas Bem-aventuranças. Essa espiritualidade proclama com Cristo que o bem é mais forte que o mal, e que a energia do amor é vencedora. Na história age deveras a força do Espírito Santo para transformar cada tempo, mesmo o nosso tão conflitual, numa hora de esperança.

Trata-se de descobrir e proclamar o segredo social das Bem-aventuranças, ou seja, daquela força histórica da caridade, que transfigura as situações mais paradoxais e estimula a criatividade a formular novos projetos de convivência. Lembraram-no os Bispos da América Latina em Puebla: a verdadeira pobreza evangélica “é um desafio ao materialismo e abre as portas a soluções alternativas da so-

cidade do consumo" (Puebla n. 1152).

Na síntese desses três elementos, que mutuamente se permeiam (Desenvolvimento, Solidariedade, Bem-aventuranças), encontramos abundante matéria-prima para educar a uma cultura da paz.

A luz da fé, pois, a causa da paz adquire concreteza e projetualidade; é convidada a multiplicar os pontos culturais, econômicos, sociais e políticos; entra na formulação de projetos do possível.

A paz "total" é a meta da nossa história; a paz do "já e não ainda" anuncia e inicia, mesmo entre dificuldades, a marcha para a frente. Para avaliar esta não ainda terminada possibilidade, não basta considerar o passado e fixar-se na extensão horripilante do mal; é preciso sobretudo voltar-se para o futuro — ou melhor olhar para o "escathon" —, concentrando-nos no mistério da Páscoa de Cristo, que mudou a interioridade dinâmica da história. Depois da Páscoa, a possibilidade da paz vai crescendo; antes, é o ponto de referência ao qual está tendendo cada vez mais explicitamente a área do verdadeiro progresso humano. É belo nesse sentido refletir sobre uma aguda expressão da re-

cente Mensagem papal: toda a vida, a de cada um e da humanidade, é um "caminho de descoberta" (Mensagem '85, n. 10).

No limiar do Dois Mil, somos chamados a descobrir mais a fundo a paz.

7. *Para uma educação à civilização do amor*

Se hoje a paz tornou-se um tema-chave do progresso humano na sua peregrinação de descoberta, educar para ela tornar-se-á um empenho prioritário.

Mas a cultura da paz implica uma verdadeira revolução de todo o projeto educativo. Há, pois, que repensar e reprogramar tudo um pouco.

Na base é preciso garantir a verdadeira idéia do homem e o significado global da sua história, segundo o projeto do Deus de Jesus Cristo.

Vem em seguida a formação da liberdade a um amor que se estende à "polis": inspirando nos corações profunda confiança na grandeza da vocação do homem, e privilegiando a aquisição de convicções robustas, abertas aos grandes valores da criação e da redenção, sem dicotomia entre os pessoais e os sociais.

Para esse fim, será necessário resgatar os valores da responsabilidade política (evangelizando-lhe os conteúdos) e demitizar muitos esquemas pré-fabricados, como as ideologias imperantes, a concepção bélica da história e dos heróis, o triunfo da força nas violências e da retorsão nas vinganças, o culto do bem-estar ligado a um conceito egoísta da propriedade, a mística inerente aos vários nacionalismos racistas e seitas.

E como a vida continua sempre uma luta com insucessos e quedas, será necessário saber formar à coragem e ao sacrifício, ao diálogo e à paciência, à conversão interior, aos valores do perdão e da reconciliação. É notável, a respeito, o ensinamento magisterial da recente Exortação Apostólica pós-sinodal sobre a Reconciliação e a Penitência.

Não é tarefa de uma simples "Introdução" desenvolver um tema tão vasto; ele constitui justamente o argumento do Congresso. As intervenções sucessivas trarão elementos para um bom enfoque do difícil problema da educação para a paz, ajudando a conciliar a utopia com o realismo: "As dificuldades presentes — diz o Papa — são realmente um teste para nossa humanidade. Elas podem constituir uma

viragem decisiva no caminho de uma paz durável, porque acendem os sonhos mais ousados e libertam as melhores energias da mente e do coração. As dificuldades são um desafio para todos; a esperança é um imperativo para todos" (Mensagem '85, n. 2).

Conclusão

Aprezo-me concluir este modesto preâmbulo, lembrando uma conhecida afirmação do grande educador dos jovens. Dom Bosco costumava dizer que formava seus meninos para viverem como "honestos cidadãos e bons cristãos", antes, "fazê-los honestos cidadãos, tornando-os bons cristãos" (MB 4,19).

Descubro nessa humilde mas densa expressão uma sua tese pedagógica aberta às atuais instâncias da paz.

Na educação ele demonstrou sempre uma original sensibilidade para com a laicidade das realidades terrenas, para o civil e o secular, para os valores da ordem temporal, enquanto constituem o tecido da promoção humana nos jovens. Nesse sentido colocou-se plenamente, como educador, numa área de cultura popular para o progresso dos mais necessitados.

Como observador atento dos fatos históricos e como profundo crente, estava convencido de que toda cultura afunda suas raízes, em última análise, em valores religiosos, e, mais concretamente ainda, toda cultura de futuro deve basear-se no mistério vivo de Cristo. Não se trata nem de alienação nem de alternativa, mas de aguda penetração do tecido mesmo da cultura.

Meditando sobre a experiência pedagógica de Dom Bosco, não receio afirmar que nós consagrados não poderemos educar efetivamente os jovens aos valores da paz, nos seus vários níveis, se não levarmos a promoção humana com o fermento escatológico das Bem-aventuranças. Neste sentido, somos educadores, chamados a ser construtores de paz, com a profecia de uma espiritualidade juvenil.

Somente assim formaremos gerações corajosas a caminho da "Jerusalém nova, imagem de paz".

5.3 XI SEMANA DE ESPIRITUALIDADE DA FAMÍLIA SALESIANA

A Lembrança do Reitor-Mor para 1985 recebeu amplo e qualificado comentário na XI SEMANA EUROPEIA DE ESPIRITUALIDADE DA FAMÍ-

LIA SALESIANA, que se deu no "Salesianum", em Roma, de 21 a 26 de fevereiro passado.

Preparada e animada pelos dois Dicastérios para a Família Salesiana e para a Pastoral Juvenil (com particular empenho dos dois Delegados salesianos para os Cooperadores e para os Ex-alunos que foram 'Moderadores' do encontro) e com a participação competente de professores da Universidade Pontifícia Salesiana, a Semana foi um momento fraterno de confronto sobre temas atuais de salesianidade, à luz das Bem-aventuranças, e estímulo para iniciativas visando levar com incisividade a mensagem do Evangelho à juventude de hoje.

Cerca de 150 os participantes: 75 salesianos, 45 Filhas de Maria Auxiliadora, 10 Cooperadores, 6 Voluntárias de Dom Bosco e representantes de outros grupos da Família Salesiana (Salesianas Oblatas do Sagrado Coração, Apóstolas da Sagrada Família, Filhas de Maria Co-redentora, Irmãs da Caridade de Miyazaki, Ex-alunos). A proveniência dos participantes atesta o interesse europeu do encontro: Itália, Áustria, Bélgica, França, Alemanha, Grã-Bretanha, Jugoslávia, Polónia, Portugal, Espanha. A presença de alguns

professores e estudantes da UPS e do Auxilium alargaram a participação com elementos da Argentina, Brasil, Chile, Filipinas e Índia.

A sessão inaugural, na manhã de 21 de fevereiro, desenvolveu-se com a presença do Reitor-Mor dos salesianos e da Vigária Geral das Filhas de Maria Auxiliadora. A Madre Geral (ausente de Roma) enviou uma mensagem de saudação e augúrio.

O Conselheiro para a Família Salesiana e a comunicação social, Pe. Sérgio Cuevas, introduzindo os trabalhos, apontava as finalidades que o encontro se propunha atingir.

“Estas ‘semanas de espiritualidade’ não foram somente nem principalmente pensadas e instituídas como encontros de estudo, sobre argumentos particularmente importantes, mas como prestigiosas ocasiões de *tornar visível a ‘comunhão salesiana’*, em clima de diálogo, escuta, co-responsabilidade, intercâmbio e colaboração. É preciso, pois, que cada um de nós, recolhendo os estímulos e as provocações que virão dos relatores e dos encontristas, ajude a procurar, com coragem e profundidade, *conclusões válidas para a animação da nossa Família*... As realidades espirituais, vividas

e aprofundadas, como deveria acontecer nesta semana, tornar-se-ão base segura para fazer de nós propagadores das orientações operativas que queremos conseguir...”

O Pe. Cuevas deteve-se, depois de algumas explicações, sobre o empenho de atuação que deverá derivar para a missão comum da Família Salesiana:

“... Não é indiferente o apelo à unidade e à comunhão da Família Salesiana; Dom Bosco, com efeito, viveu a paixão pela unidade de quantos colaboravam na sua obra; a missão a ser cumprida, a riqueza espiritual a ser assegurada, o crescimento vocacional a ser perseguido, a incisividade pastoral a ser atingida, como portadores do carisma de Dom Bosco, exigem renovada corrente de comunhão, de simpatia recíproca, de interesse mútuo e de colaboração eficaz.

Se a espiritualidade vivida pela Família Salesiana fosse uma corrente avassaladora de Evangelho para os jovens; se as experiências de vida consagrada e de empenho laical fossem conquistadores de admiração para com Jesus Cristo; se a nossa atividade educativa como Família Salesiana interpretasse as aspirações dos jovens para cons-

truir uma nova sociedade, para refazer um ambiente social e moral digno do homem; se a nossa comunicação pastoral com os jovens fosse testemunho das Bem-aventuranças; se os nossos lugares de vida e de encontro pastoral fossem marcados pela alegria, pela bondade, pela 'cultura pela vida', pelo espírito de família, pela relação filial com Deus na simplicidade do coração, então todos juntos teríamos feito reviver, *na peculiaridade dos vários carismas, Dom Bosco no meio dos seus jovens...*

Começaram, então, os trabalhos, com muito empenho, num clima de fraternidade, partilha salesiana e comunicação de experiências. Os relatos trataram das Bem-aventuranças a partir do fundamento bíblico, em seguida do ponto de vista teológico, pastoral, histórico-salesiano e com relação à atual condição juvenil. Alguns "critérios e conteúdos para ouvir novamente hoje as Bem-aventuranças com os jovens" foram um fruto visível do trabalho de grupo.

No encerramento da Semana, o Pe. Egídio Viganó ressaltou a contribuição preciosa dos trabalhos para o repensamento do carisma salesiano na mais ampla perspectiva eclesial, dando algumas orientações conclusivas.

Eis uma síntese:

1. "Esta Semana trouxe uma abundância de reflexões profundas, que atingem verdadeiramente a substância da vida cristã e de propostas concretas para a programação pastoral. Uma Semana de alta qualidade, que apresentou a vitalidade do carisma salesiano na Igreja.

O nosso carisma não é um gueto, mas um dom de Deus para o povo cristão. Estes dias foram de trabalho eclesial, porque aprofundamos juntos um verdadeiro carisma do povo de Deus...

2. Hoje dá *urgência de renovação...* Mas, nesta hora tão importante, corremos um *duplo perigo*: o perigo da superficialidade espiritual, e o do acanhamento das vistas apostólicas que, mais de uma vez, não partem das necessidades objetivas dos jovens necessitados.

No último Capítulo Geral dos Salesianos, individuou-se e codificou-se no novo texto das Constituições o critério base com o qual sair dessa espécie de gaiola: chama-se '*o critério oratoriano*'. Ele abre os horizontes para uma renovação apostólica, partindo da situação real da juventude, como fez Dom Bosco. Ele criou o Oratório, procurando os jovens pelas ruas de Tu-

rim e visitando-os nos cárceres. Um critério que é movido pelo amor de Deus Salvador, mas é estimulado simultaneamente pela consideração concreta das urgências mais graves e mais fortes da juventude mais carente...

3. Para fazer um trabalho de qualidade, reforçamos nestes dias a convicção de que é preciso voltar ao Evangelho. Aqui está a fonte da nossa vida salesiana: *voltar ao Evangelho*. Mais clareza de Evangelho e mais proposta profética de Evangelho! Insistiu-se em que o Evangelho não deve ser comunicado como repetição, mas como mensagem. E para que seja uma mensagem, não pode ser lido isoladamente... É preciso uma mediação verdadeiramente profética, que faça do texto escrito a Palavra salvífica para o Hoje...

4. São certamente distintos, entre si, o Hoje e o Evangelho; porém, para que o Evangelho se torne 'mensagem' deve sentir-se interpelado pelo desafio do Hoje. Como pode ler o Evangelho como mensagem quem não conhece a problemática vivida pelos jovens?... *O Hoje pergunta; o Evangelho responde...*

5. Juntamente com o estudo do texto evangélico será, pois, indispensável (para nós)

aprofundar *a realidade da vivência juvenil*. Somente a concreteness do quotidiano nos ajuda a ser práticos, a agir como pedagogos. Não esqueçamos que nós na Igreja deveríamos ser *especialistas de metodologia pastoral*. Evidentemente não há metodologia se não for sustentada e permeada por princípios claros; porém os princípios sem metodologia não se comunicam espontaneamente e menos ainda se traduzem facilmente na prática. Deve intervir uma mediação pedagógica, que é precisamente uma característica nossa de educadores...

6. Para harmonizar o aprofundamento do Evangelho e a análise da concreteness quotidiana, há uma fórmula secreta: chama-se *'sintonia com o Espírito Santo'* a inteligência potencializada pela luz da união com Deus. Dom Bosco não foi um erudito da Bíblia, mas ouvimos, na bela relação do Pe. Aubry, como ele soube fazer viver as Bem-aventuranças, mesmo sem os aportes sofisticados da engenharia exegética. Não fez erudição, mas formou adolescentes santos. Tinha sintonia com o Espírito Santo... A interioridade da vida no Espírito é o fundamento de tudo, é a primeira centelha do carisma salesiano, o primeiro título de

competência para ser profeta das Bem-aventuranças...

Convém insistir sobre uma observação determinante: 'Quem é Deus para nós? Qual o rosto que nEle contemplamos?'. Costumamos repetir que somos 'contemplativos na ação'...: isso exprime uma interioridade ligada à operosidade. O nosso mote verdadeiramente caracterizante é '*Da mihi animas, cetera tollé*' (cf. Const. 4); somos contemplativos de um Deus que está sempre voltado para o mundo, que o cria, que se preocupa com o seu devir, que o ama, que o salva; nós não podemos olhar para o rosto de Deus, sem olhar para o mundo, para os jovens... Essa é a interioridade da união com Deus, segundo o modelo de Dom Bosco...

7. Por isso, considero meu dever afirmar que o termômetro de tudo, ou seja, do que deverão ser os efeitos históricos da Lembrança sobre as Bem-aventuranças e da reflexão e oração desta Semana, se encontrará, mais do que nos livros, nas *experiências juvenis vividas*. Se não se realizassem experiências concretas do espírito das Bem-aventuranças, a que se havia de reduzir esta Semana? A palavras bonitas! A teoria é importante, sem dúvida, mas a vida é

substancial. Nós aprendemos de Dom Bosco — precisamente porque é um metodólogo, um pedagogo, um educador —, que é indispensável chegar à práxis; e que não se faz práxis espiritual sem adequada reflexão e oração... Devemos, pois, sentir-nos lançados a intensificar experiências juvenis, nas quais vibre o espírito das Bem-aventuranças...".

O Reitor-Mor concluía com um empenho e um augúrio: "*Dom Bosco é um dom de Deus aos jovens*".

É um santo "fundador": trouxe para a Igreja um patrimônio espiritual a ser conservado, desenvolvido, doado. Nós, Grupos da Família Salesiana, após haver refletido e rezado, propomo-nos melhorar nosso testemunho do dom de Deus, feito à Igreja através de Dom Bosco. Aumentará assim a nossa fidelidade e a eficácia da nossa ação.

No último artigo do novo texto das Constituições Salesianas, lê-se que a fidelidade nos levará a ser "penhor de esperança para os pequenos e os pobres": Pois bem: que o fruto desta fecunda Semana de espiritualidade seja justamente o de tornar-nos juntos, em comunhão de Família, segundo as características do Instituto ao qual pertencemos,

válidas testemunhas e profetas das Bem-aventuranças, quais “penhores de esperança para os pequenos e os pobres”.

5.4 EPISTOLÁRIO DE DOM BOSCO: RECOLHA DAS CARTAS PARA A EDIÇÃO CRÍTICA

O Instituto Histórico Salesiano, fundado em 1982 sob a responsabilidade direta do Reitor-Mor e do seu Conselho (ACS 306), lançou um apelo para que se procurassem cartas de Dom Bosco ainda não conhecidas e para identificar a localização atual de cartas já conhecidas, nas quais todavia se ignora a sorte dos originais.

O valor do epistolário de Dom Bosco é evidente para todos. Está entre as fontes mais amplas, seguras e genuínas para o conhecimento do nosso Fundador, da sua obra no contexto social, religioso e político do seu tempo.

A historiografia mais séria apresenta hoje condições diversas das que se punham na base do epistolário de Dom Bosco, preparado pelo Pe. Eugênio Ceria nos anos cinqüenta. Exigem-se edições extremamente fiéis na forma e na substância, enriquecidas de aparatos histórico-críticos que permitam aos estudiosos ulte-

riores pesquisas e a todos uma útil leitura e uma fácil compreensão.

Para secundar a iniciativa de alto valor histórico e científico, como se apresenta a *edição crítica de todo o epistolário de Dom Bosco*, é necessário recuperar no original (ou em fotocópia) as cartas conservadas por cada irmão, Filha de Maria Auxiliadora, Ex-aluno, Cooperador, ou guardadas nos arquivos das casas salesianas, das cúrias ou seminários episcopais, dos Institutos religiosos, do Estado ou das Entidades locais (municípios, cidades etc.).

O empobrecimento de milhares de cartas de Dom Bosco, que se deu neste século que nos separa de sua morte, não é mais ressarcível. Mas sobreviria novo empobrecimento, caso se deixassem passar outros anos sem nos empenharmos num trabalho que se faz cada vez mais árduo, à medida que nos distanciamos dos tempos de Dom Bosco.

A iniciativa promovida pelo Instituto Histórico está dando seus frutos. Já chegaram mais de mil cartas inéditas ao Instituto Histórico Salesiano (e através dele ao Arquivo Central) nestes últimos anos.

Lançamos ainda um apelo aos irmãos e às comunidades

para que colaborem na procura

- quer enviando ao Instituto Histórico os originais (ou fotocópias) das cartas de Dom Bosco, de que fossem possuidores ou guardas;

- quer indicando ao Instituto a presença de cartas de (ou a) Dom Bosco em alguma família, arquivo público ou privado, fundos estatais ou eclesiásticos.

5.5 BISPOS SALESIANOS

Dom Jan TER SCHURE
nomeado para a sede residencial de 's-Hertogenbosch, Holanda

L'Osservatore Romano de 3 fevereiro noticiava a elevação de S. E. D. Jan TER SCHURE (anteriormente nomeado Bispo Auxiliar de Roermond) para a sede residencial de 'S-HERTOGENBOSCH (Bosque ducal), na Holanda.

A nova diocese é a mais numerosa entre as circunscrições eclesiásticas da Holanda (são mais de 1.400.000 os católicos, segundo os dados do Anuário Pontifício). Não lhe faltam problemas: o principal deles, o das vocações sacerdotais e religiosas.

D. Ter Schure entrou na Diocese dia 9 de março (estava presente o Conselheiro Geral

para as Missões Pe. Luc Van Looy). Dispõe-se a prestar seu serviço com a caridade pastoral, segundo o ensinamento e o exemplo de Dom Bosco.

5.7 2.º CONGRESSO MUNDIAL DOS COOPERADORES SALESIANOS: NOMEAÇÃO DO REGULADOR

Os "Atos" n. 312 noticiaram a convocação do Congresso. Agora o Reitor-Mor nomeou Regulador o Sr. Antônio Garcia Vera. Eis a carta de nomeação:

Roma, 12 de março de 1985.

Caro senhor Garcia,

A celebração do 2.º Congresso Mundial dos Cooperadores Salesianos se avizinha. A preparação exige a nomeação do Regulador, que deverá partilhar desde agora a responsabilidade da programação e desenvolvimento do Congresso.

Levando em consideração as indicações da Consultoria Mundial, e após oportuno discernimento no Senhor, escolho-o para este serviço, na forma do art. 8 do Regulamento interno.

Há anos o senhor acompanha o caminho da Associação no nível da sua Nação e em nível mundial, dando testemu-

nho de amor a Dom Bosco e de devotamento à Associação.

Sei, por outra parte, que tem generosa disponibilidade ao sacrifício.

Trata-se certamente de um empenho que exige dedicação e competência. Mais que uma honra, é um ônus. Mas o senhor será ajudado eficazmente por outros e, sobretudo, iluminado e amparado pelos dons do Espírito, que não faltam.

Agradeço-lhe vivamente, também em nome do Dicastério

para a Família Salesiana, e da Consultoria Mundial, pela sua nobre aceitação.

Apresento-lhe os melhores augúrios pascais, e confio com muita confiança este seu encargo a Maria Auxiliadora, enquanto aguardo uma palavra de confirmação.

Conte com a minha oração e com o reconhecimento de todos.

Com estima e afeto em Dom Bosco.

Pe. Egídio Viganó

5.9 DADOS ESTATÍSTICOS S.D.B.

Levantamento feito em 31 de dezembro de 1984

	TOT. PROFESSOS + NOVIÇOS em 31.12.1983	PROFESSOS temporários			PROFESSOS perpétuos				TOTAL PROFESSOS em 31.12.1984	NOVIÇOS		TOTAL NOVIÇOS em 31.12.1984	TOT. PROFESSOS + NOVIÇOS em 31.12.1984	
		P	S	L	P	D	S	L		S	L			
Roma Geral	79				61			20	81				81	
Roma U.P.S.	115				102	1		16	119				119	
África Central	205		18	8	153			8	23	9		9	219	
Alemanha Köln	191		19	10	123			3	39	2	2	4	198	
Alemanha München	281		23	9	173			8	70	3	2	5	288	
América Central	206		24	1	143			9	26	203	33	33	236	
Antilhas	176	1	20	1	115			9	17	163	9	9	172	
Argentina Buenos Aires	247		26	5	169			16	13	229	3	3	232	
Argentina Bahía Bl.	184		17	4	137			3	17	178	3	3	181	
Argentina Córdoba	189		40	7	124			6	7	184	7	4	11	195
Argentina La Plata	135		22	2	87			3	15	129	9	9	138	
Argentina Rosário	150		16	2	105			5	18	146	5	5	151	
Austrália	128		11	4	82			4	23	124	4	1	5	129
Áustria	170	1	9	5	127	1		1	16	160	1	1	161	
Bélgica Norte	238		15	1	191			3	23	233	2	2	235	
Bélgica Sul	123		6		102			2	8	118	1	1	119	
Bolívia	103		11	3	67			3	15	99	11	2	13	112
Brasil Belo Horizonte	183		15	1	126			5	25	172	7	7	179	
Brasil Campo Grande	178		18	4	121			2	28	173	8	2	10	183
Brasil Manaus	127		16	3	77			1	23	120	6	6	126	
Brasil Porto Alegre	141		32	1	90			2	11	136	8	8	144	
Brasil Recife	102		10	6	63			1	15	95	2	2	4	99
Brasil São Paulo	224		37	2	140			12	27	218	17	2	19	237
Chile	246		47	3	152			8	25	235	13	13	248	
China	152		13	1	97			3	38	152	4	4	156	
Colômbia Bogotá	207		17	4	121			14	42	198	6	1	7	205
Colômbia Medellín	158		34	2	89			6	25	156	6	6	162	
Coréia	35		10	3	14				6	33	3	1	4	37
Equador	261		33	5	170			17	31	256	7	3	10	266
Espanha Barcelona	299		27	4	198			15	47	291	4	4	295	
Espanha BIlbao	277		37	7	123			38	58	263	8	8	271	
Espanha Córdoba	153		14	3	118	2		5	8	150	13	1	14	164
Espanha León	293		23	13	159			20	64	279	10	4	14	293
Espanha Madri	480		46	31	252			29	101	459	3	2	5	464
Espanha Sevilha	202		13	2	138			8	37	198	4	4	202	
Espanha Valência	220		9	1	158			10	36	214	4	1	5	219
Estados Unidos Leste	300		19	3	203			13	62	300	4	4	304	
Estados Unidos Oeste	136		8	1	89			6	28	132	1	2	3	135
Filipinas	307		117	25	125	1		5	19	292	18	9	27	319
França Lyon	178		3	1	137			3	33	177	1	1	178	

46 ATOS DO CONSELHO GERAL

	TOTAL NOVÍÇOS em 31. 12. 1984			PROFESSOS temporários				PROFESSOS perpétuos				TOT. PROFESSOS + NOVÍÇOS em 31. 12. 1984		NOVÍÇOS		TOT. PROFESSOS + NOVÍÇOS em 31. 12. 1983	TOTAL PROFESSOS em 31. 12. 1984
	P	S	L	P	D	S	L	P	D	S	L	S	L				
França Paris	249	7	4	200		3	31	245		1	1	2	247				
Grã-Bretanha	189	10	3	139		4	23	179		2	1	3	182				
Holanda	97			66	1	1	27	95					95				
Índia Bombaim	262	82	9	120		22	23	256		21		21	277				
Índia Calcutá	313	84	9	142		27	27	289		25	3	28	317				
Índia Dimapur	168	52	7	81		18	4	162		17		17	179				
Índia Gauhati	267	53	6	138		27	25	249		34	4	38	287				
Índia Bangalore	263	116	2	102		21	11	252		27	2	29	281				
Índia Madras	311	101	8	137		30	23	299		23	3	26	325				
Irlanda	232	40	7	151		8	18	224		2		2	226				
Itália Adriática	177	1	1	137			35	174					174				
Itália Central	395	12	8	213	1	2	150	386		4	1	5	391				
Itália Ligure T.	251	8	1	181		2	47	239		1		1	240				
Itália Lombardo E.	435	17	5	325		4	79	430		3		3	433				
Itália Meridional	374	25	2	263	2	7	58	357		7		7	364				
Itália Novarese E.	247	10	2	174		1	54	241		1		1	242				
Itália Romana	322	1	8	240	2	11	62	326		2		2	328				
Itália Sardenha	88	4		64		6	10	84					84				
Itália Sicília	409	22	4	321		13	42	402		2		2	404				
Itália Subalpina	506	15	4	356		8	115	498		1		1	499				
Itália Veneza	321	15	1	223	1	10	67	317		5		5	322				
Itália Verona	262	6	1	194	1		56	258		2		2	260				
Japão	132	9		91		3	21	124					124				
Iugoslávia Ljubl.	170	30		99		15	23	167		5		5	172				
Iugoslávia Zagreb	117	23		83		2	7	115		6		6	121				
México Guadalajara	154	22	1	97		5	11	136		11		11	147				
México México	180	45	3	104		4	15	171		11	2	13	184				
Oriente Médio	144	3	1	100	1	2	33	140		2	1	3	143				
Paraguai	94	20	2	64		1	8	95		4	1	5	100				
Peru	167	37	6	103		7	13	166		3		3	169				
Polónia Este	347	111	5	176	1	9	23	325		51	4	55	380				
Polónia Norte	287	77	2	179		7	13	278		26	2	28	306				
Polónia Oeste	231	48		165		9	1	223		18	2	20	243				
Polónia Sul	252	81	3	127		9	18	238		28		28	266				
Portugal	187	10	3	117	1	5	48	184		3	1	4	188				
Tailândia	109	24	3	64		3	11	105					105				
Uruguai	165	21		123			11	155		3		3	158				
Venezuela	257	1	25	176	1	6	28	238		5		5	243				
Total	16910	4	2149	304	10856	17	618	2426	16374	613	71	684	17058				
Bispos e Prelados	75				77			77					77				
Não catalogados (1)	459							470					470				
TOTAL GERAL	17444	4	2149	304	10856	17	618	2426	16921	613	71	684	17605				

(1) Estes dados ("não catalogados") referem-se aos irmãos dos países em que a Congregação vive com dificuldade. Os dados são aproximativos, com base nas últimas informações.

5.10 Irmãos falecidos

“A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade a nossa missão” (Const. 94).

NOME	LUOGO E DATA	ETA	ISP
L Addis Giovanni	Lanusei (Nuoro)	16.03.85	49 ISA
P Avanti Desiderio	Napoli	15.03.85	74 IME
P Barros Celestino	São José do Egito (Brasil)	4.01.85	76 BMA
P Benkert Karl	Pfaffendorf (Germania)	13.02.85	77 GEM
P Boyle Patrick	Maseru (Lesoto)	18.03.85	48 IRL
P Brüggel Theodor	Marienhausen (Germania)	28.02.85	77 GEK
P Caruso Francisco	Ramos Mejia (Argentina)	30.12.84	67 ABA
P Chrzanowski Roman	Swobnica (Polonia)	7.02.84	73 PLN
L Cotta Virgilio	Varazze (Savona)	29.01.85	82 ILT
P Decadt Raphael	Sint-Pieters-Woluwe (Belgio)	24.02.85	56 BEN
P de Oliveira Fernando	Pindamohangaba (Brasil)	21.02.85	62 BSP
P De Magistri Luigi	Lugano (Svizzera)	13.01.85	62 INE
L Döring Andreas	Waldwinkel (Germania)	11.12.84	45 GEM
L Dungdung Thomas	Shillong (India)	25.12.84	60 ING
P Fabera Stefan	Roma	10.01.85	75 IRO
P Farkas Lajos	Zalaegerszeg (Ungheria)	3.03.85	70 UNG
P Fasching Alois	Oberthalheim (Austria)	27.12.84	72 AUS
P Florio Francesco	Toritto (Bari)	26.12.84	64 IME
P Gabis Jan	Lodz (Polonia)	30.12.84	71 PLE
P Galoppo Angelo	Roma	24.02.85	80 IRO
L García Miguel	Lima (Peru)	19.01.85	19 PER
P González Rafael	Málaga (Spagna)	22.01.85	69 SCO
P Grigoletto Giuseppe	Brescia	24.10.84	78 IVE
P Hernández José	Bogotá (Colombia)	1.08.84	88 COB
P Izquierdo Pérez José	Linares (Spagna)	17.11.84	62 SCO
P Jerney Friedrich	Wien (Austria)	15.12.84	83 AUS
P Kauling Anton	Sint-Pieters-Woluwe (Belgio)	7.03.85	66 BEN
P Lageat Jean	Grentheville (Francia)	19.03.84	90 FPA
L Landa Eulalio	Montevideo (Uruguay)	29.12.84	62 URU
L Le Bagousse Joseph	Caen (Francia)	6.03.84	73 FPA
P López Rafael	Ronda (Spagna)	22.01.85	69 SCO
P Manka Antoni	Marszalki (Polonia)	7.11.84	74 PLO
L Marcos Bernabé	Sevilla (Spagna)	24.12.84	78 SSE

48 ATOS DO CONSELHO GERAL

NOME	LUOGO E DATA	ETA	ISP
L Marotto Roxie	West Haverstraw (USA)	19.02.85	70 SUE
P Martelli Archimede	Kwangju (Korea)	6.08.84	67 KOR
L Melluso Clemente	Buenos Aires (Argentina)	17.05.84	88 ABA
P Meroni Carlos	Buenos Aires (Argentina)	10.01.85	85 ABA
L Negri Cesare	Fossano (Cuneo)	6.03.85	82 ISU
P Nysen Corneel	Neerijse (Belgio)	2.02.85	83 BEN
P Pasquale Umberto	Rivoli (Torino)	5.03.85	78 ICE
P Passeggi Andrés	Montevideo (Uruguay)	25.01.85	74 URU
L Pavanello Antonio	Trento	16.02.85	73 IVO
P Pellegrino Luigi	Torino	9.01.85	70 ISU
P Pollicini Rino	Albaré (Verona)	12.11.84	72 IVO
L Ramos Fabiano	Belo Horizonte (Brasile)	10.01.85	56 BBH
P Ruiz Olmo José	Córdoba (Spagna)	4.01.85	75 SCO
L Sala José	Alicante (Spagna)	24.12.84	44 SVA
P Sarti Giacomo	Trieste	16.03.85	57 IVE
P Sastre Juan	Valencia (Spagna)	19.12.84	86 SVA
P Slowy Zbigniew	Czaplinek (Polonia)	15.12.84	34 PLN
P Snoks Leo	Hasselt (Belgio)	19.02.85	76 BEN
P Uhlenbruch Friedrich	Marienhausen (Germania)	23.02.85	83 GEK
L Wahl Josef	Müuchen (Germania)	16.01.85	86 GEM